

Missão não pára trabalhos

economia - Brasil

Brasília — Estão praticamente fechadas as estatísticas que sustentarão o novo acordo com o FMI. Fonte com acesso a esses números revelou que a missão poderá até concordar com um teto de crescimento do déficit público superior a 17,5%, de acordo com a sua metodologia, e de 3,5%, conforme os cálculos brasileiros.

Essa expressiva ampliação do teto, explicou a fonte, deve-se a três fatores: a maxidesvalorização do cruzeiro, em 21 de fevereiro, que onerou a dívida externa das empresas estatais e causou forte impacto monetário nos "depósitos em moeda estrangeira" do Banco Central; a frustração da expectativa de que esses depósitos pudessem ser reduzidos em 1 bilhão 200 milhões de dólares; e a deficiência operacional dos projetos 1 e 2 (recursos novos e "rolagem" das amortizações de 83), cujo fluxo está bloqueado pela demora dos bancos em apontar os tomadores.

Uma posição definitiva do Fundo deverá resultar do plantão deste fim de semana, quando a missão trabalhará regularmente no assunto. Ontem, os técnicos do Banco Central foram constantemente solicitados para prestar esclarecimento adicionais, após a reunião da manhã, da qual participou o Ministro do Planejamento, Delfim Neto. O Ministro disse, em seguida, que "o acordo está terminando" e que

haverá trabalho no final de semana. Segundo ele, será necessária uma nova Carta de Intenção, que exporá os novos tetos acertados.

Otimista com as repercussões externas do último pacote, Delfim disse que encarou a solução do BIS para a quitação do empréstimo de 400 milhões de dólares "com absoluta normalidade. O BIS sabia e sabe que nós estamos caminhando para uma situação mais normal. Estamos terminando nosso arranjo com o Fundo e eu tinha convicção de que isso ia acontecer". E estimou que o adiamento do pagamento deverá ser de 45 dias, o tempo necessário para a liberação da segunda parcela do empréstimo do FMI.

Thomas Reichmann, futuro chefe da divisão do Atlântico do FMI, comentou que o prazo normal para aprovação do acordo pelo **board** do Fundo é de 4 semanas, mas poderá haver acréscimo. Sobre as perspectivas de crescimento positivo do PIB este ano, disse ser muito difícil, diante de tantas incertezas e sob o impacto das enchentes no Sul. Com essas declarações, Reichmann desautorizou versão liberada por uma agência de notícias estrangeira, anunciando que o Fundo já havia liberado, em Washington, a segunda parcela do empréstimo: "É impossível. Deve haver um mal-entendido", garantiu.